

# SAKSAL

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 4) Jul. 2019

## FORNOS DE CAL ARTESANAIS DE PATAIAS

(Alcobaça)

Notas sobre a  
bioarqueologia da Ermida do  
Espírito Santo (Almada)

Os botões patrióticos /  
/ monárquicos D JOAO VI  
PRINCEPE REGENTE

Artes do couro no  
medievo peninsular:  
parte 2



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



## O Enigma da Torre de Centum Celas

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

“*A* arquitetura do edifício constitui decisivo argumento a favor da sua função residencial. Exclui liminarmente a hipótese de templo e, por isso, também a interpretação global do sítio como fórum”, lê-se na 4.ª capa do livro *A Torre de Centum Celas (Belmonte)*, que ficamos a dever a Jorge de Alarcão e a José Luís Madeira. 32 páginas, mui profusamente ilustradas, numa edição de 2019, da responsabilidade da empresa Arqueohoje, Lda., com a colaboração do Município de Belmonte (ISBN 978-989-54407-0-2).

Enigmático, o edifício; solene, na paisagem, a desafiar as gentes e, de modo muito próprio, os historiadores e os arqueólogos. Numa das vezes que o vi – ainda Helena Frade aí não fizera escavações –, em Abril de 1979, por ocasião da visita de estudo integrada nas I Jornadas Arqueológicas da Beira Baixa, seduziu-me, como a muitos dos que estavam comigo. E apostávamos: não, este silhar aqui é medieval, tem que ser, os Romanos não faziam assim! Mas... como Jorge de Alarcão começa por informar, logo no primeiro parágrafo do livro, a “torre” (sim, põe entre aspas!) já foi apresentada como *mansio*, como pretório de acampamento romano, como templo, como *villa*, como templo de um fórum...

Assim especada no meio da paisagem, levou-me (perdoar-me-ão) aos tempos da minha infância, quando, nas viagens de e para o Algarve, eu passava em Coima e deparava com o que – sei-o hoje – é a chamada Torre do Inferno, a sair, altaneira, do edifício que foi a propriedade do famoso “rei do lixo”, Manuel Martins Gomes Júnior. A Quinta de São Joaquim, que remonta ao século XVIII, fora *pouso* do cavaleiro fidalgo Joaquim de Pina Manique, irmão mais novo do Intendente-Geral Pina Manique; as vicissitudes políticas e os desaires económicos levaram a que

tudo viesse parar às mãos desse excêntrico senhor, enriquecido com o negócio dos lixos, logo nos primórdios do século XX. Contavam-me meus pais que se dizia que “era para ele ver o mar”!... De Centum Celas não se veria o mar. Que se queria ver então?

O livro a que o Doutor Alarcão, com a preciosa ajuda gráfica de José Luís Madeira, lançou mão vem na sequência dessa vontade de se procurar saber que foi, afinal, essa “torre” de características tão *sui generis*. Se o enigma fica resolvido, direi desde já que, definitivamente, não; mas, fruto da reflexão de uma vida dedicada à Arqueologia romana, é, sem dúvida, um contributo eloquente, que, se não ponto final nas questões em aberto, muito contribui para que esse ponto venha a ser posto, pois aí se faz pormenorizada análise de cada uma das pedras (dir-se-ia) que do edifício hoje restam.

Recordemos que Jorge Alarcão escreveu, em 1985, *Introdução ao Estudo da Casa Romana* (n.º 4 dos *Cadernos de Arqueologia e Arte*, do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra); reflectiu longamente sobre a *villa* de

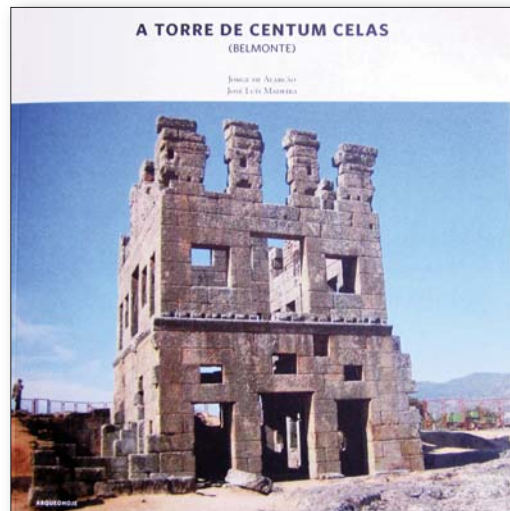


FIG. 1 – Capa de *A Torre de Centum Celas (Belmonte)*, de Jorge de Alarcão e José Luís Madeira, edição Arqueohoje (Viseu, 2019).

São Cucufate (veja-se a monografia que preparou, com Robert Étienne e Françoise Mayet, *Les villas romaines de S. Cucufate (Portugal)*, Paris, 1990) e “regressou” a Conímbriga, para se debruçar sobre *As Casas da Zona B de Conímbriga*, também com a colaboração do Dr. José Luís Madeira (Coimbra, 2010).

Não admira, pois, que essa experiência haja aguçado ainda mais a curiosidade, mormente se pensarmos que acompanhou a par e passo, como orientador, a investigação levada a efeito por Helena Frade, que conduziu à sua dissertação de mestrado, inédita, *Centum Celas. Uma villa romana na Cova da Beira*, defendida em 2002. Aliás,



FIG. 2 – Edifício mandado erguer por Manuel Martins Gomes Júnior na zona de Coima (Barreiro).

já em Dezembro de 1996, por ocasião do XII Convegno di Studi, celebrado em Olbia, na Tunísia, Helena Frade apresentara a comunicação “La torre de *Centum Cellas* (Lusitania) et sa région”, que viria a ser publicada em *L’Africa Romana*, Sassari, 1998, pp. 885-890.

Que traz, então, de novo este livro?

Após um enquadramento espacial do sítio no que poderia ter sido a urdidura da região na Época Romana, a análise fina, como se disse, quase de cada uma das pedras hoje remanescentes, de modo a poder ajuizar-se da sua função primeira no conjunto arquitectónico. Tudo acompanhado de perto por desenhos elucidativos, a configurarem o que se supõe ter sido o original. Leia-se, a título de exemplo, a seguinte passagem: “*Os compartimentos 5 a 10, sob as varandas laterais do edifício, seriam iluminados e arejados por frestas que abriam acima do piso de jardins que se identificam por rasgos abertos na rocha (a ver na Fig. 7). Helena Frade encontrou ainda, in situ, vestígios de dolia que serviriam para a plantação de arbustos, árvores de pequeno porte ou trepadeiras que formariam pérgulas*” (p. 16).

E estamos a imaginar o requinte romano em meio da aridez da paisagem!...

Claro, havia varanda, cujo pavimento poderia ter “*sido construído mais ou menos de acordo com as recomendações de Vitruvius, 7, 1, e de Paládio, 1, 9, 3*” (p. 20). E “*acima das portas e janelas da varanda, uma correnteza de alvados, muito regularmente espaçados, servia para inserção do vigamento que constituía o tecto dessa varanda*” (*ibidem*).

Isto é: os vestígios visíveis são interpretados também à luz dos ensinamentos colhidos nos arquitectos romanos.

Concluiu-se que havia um “*vasto salão*”, de que a fig. 16 (p. 25) reconstituiu a perspectiva, um salão de “*extrema luminosidade*”, que contrastaria com “*a obscuridade do rés-do-chão*”.

São bem visíveis os alvados, buracos que deveriam ter recebido traves de suporte. A sua interpretação, de forma a urdir o conjunto arquitectónico, sempre foi um desafio quer para arqueólogos como para arquitectos. Daí que, a dado passo, uma vez que, na fachada traseira, há esses alvados, destinados, em princípio, à inserção de um vigamento de madeira, os autores se interroguem (o importante, realce-se, é levantar as questões!): “*Admitindo a hipótese de um terraço sem cobertura de telhado, para que serviria o vigamento? Para amparar uma planta trepadeira que sombrearia o terraço? Para sustentar um toldo ou velum que se estenderia em dias de muito sol? Num caso como no outro,*

*não seriam necessárias tantas traves. É possível que os alvados, neste caso, não servissem propriamente à inserção de traves, mas de cachorros de madeira nos quais se cravariam ganchos de metal. Neste fixar-se-iam as argolas de um velum, o que permitiria a sua fácil e rápida montagem e desmontagem*” (pp. 28-29).

Lemos e revivemos e quase nos imaginamos romanos ali sentados a saborear o pôr-do-sol... Uma Arqueologia à dimensão humana!...

Para o final, antes das referências bibliográficas, uma outra questão não despendida: sim, houve remodelação medieval, essas estruturas acabaram por ser utilizadas pelas gentes que por ali foram vivendo. Datável, nos seus primórdios, do período cláudio-neroniano, ou seja, de meados do século I da nossa era, a *villa* foi remodelada logo nos finais dessa centúria e, depois, “*entre finais do século III e inícios do IV*” (p. 11); o certo é que se torna necessário analisar documentação sobre as peripécias históricas por que depois passou a zona, a fim de se compreender melhor o que poderá ter acontecido.

Anotam os autores o que os documentos dizem. Sabe-se que, tendo recebido, em 1194, Centum Celas, das mãos de el-rei D. Sancho I, o bispo de Coimbra lhe outorgou foral. O aforamento de 1291, por parte de D. Dinis, caracteriza as ruínas como “*pardieiro que foi torre*” (p. 29). Certo é que o que restava da torre serviu para sobre ele se construir um hurdício, isto é, um resguardo de madeira destinado a reforçar a defesa e, tam-

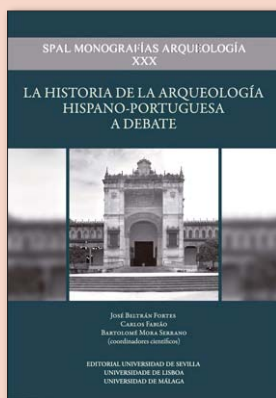
bém, a facilitar a vigilância, o que pressupõe a instalação de uma guarnição militar.

Não parece líquido aos autores que esse intuito defensivo se prenda com eventuais e sempre possíveis escaramuças com os Castelhanos, porque uma invasão não teria por aí seu caminho. Elemento de um cenário de lutas pelos direitos eclesiásticos entre os bispos de Coimbra e da Guarda? Talvez. Outra hipótese é ainda sugerida: a necessidade de haver uma guarnição para vigiar a mineração de estanho, sendo possivelmente guardado também aí o minério recolhido.

Levantaram-se as questões com base nos elementos colhidos e minuciosamente interpretados. Com todo o mérito, nova luz se trouxe, portanto.

E, se o enigma não foi desvendado, há, porém, uma conclusão inofensiva: segundo a Bíblia (*Génesis*, 11,1-9), os Homens decidiram começar uma torre para alcançar o Céu; os zigurates mesopotâmicos visariam também alcançarem-se nas alturas; ali, junto a um dos braços do Tejo um visionário parece que aspirava a ver o mar logo pela manhã... Assim, em Centum Celas – que não teria “*cem celas*”, apesar de todas as aberturas que ostenta... –, quem, um dia, decidiu erguer a torre quis mostrar o seu poder, até porque, assim, a sua vista dominava o horizonte. Tal como na *villa* de São Cucufate, o *dominus* mandou fazer criptopórtico não subterrâneo mas sobre o solo, para melhor poder enxergar o seu *ager* em direcção a *Pax Iulia*... ✎

## novidades



BELTRÁN FORTES,  
José; FABIÃO, Carlos  
e MORA SERRANO,  
Bartolomé (coord.)  
(2019) – *La Historia*

*de la Arqueología Hispano-Portuguesa a Debate.*  
Sevilla / Lisboa / Málaga: Universidad de Sevilla /  
/ Universidade de Lisboa / Universidad de Málaga  
(SPAL Monografías Arqueología, 30).

TRINDADE, Cristina *et al.* (coord.) (2018) –  
*Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa.*  
Dir. José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais. Volume 2,  
“Primeiros Textos de Pré-História, História e Heráldica”.  
Lisboa: Círculo de Leitores.

